



## **IDENTIDADES E DIFERENÇAS EM NARRATIVAS DE SURDOS NEGROS**

Rita Simone Silveira Furtado<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto a seguir é um recorte da Dissertação de Mestrado: *Narrativas Identitárias e Educação Os Surdos Negros na Contemporaneidade* realizada, na linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação. A pesquisa objetiva investigar questões referentes à “dupla diferença”, tendo como foco de análise, narrativas de surdos negros. Buscou-se, durante a pesquisa, conhecer narrativas de surdos negros, concebidos aqui como sujeitos “duplamente diferentes”. A fim de conhecer como se narram, realizei entrevistas e análise dos perfis dos alunos do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, turma 2008. Os dados obtidos demonstram que a maioria dos surdos negros entrevistados afirma não ter passado por situações em que o preconceito por serem surdos negros foi “escancarado”; no entanto, há aqueles que relatam que já foram discriminados por serem “duplamente diferentes”. Alguns surdos negros reconhecem a “dupla diferença”; mas, afirmam que as duas não formam um todo e não constituem uma unidade. Explicam que a “dupla diferença” é marcada, que o preconceito ocorre sim, mas é algo que não é explícito e não aparece em um único bloco, por serem surdos negros. Mas, em alguns momentos o preconceito ocorre porque são surdos; em outros, porque são negros. No que se refere à análise dos perfis, não foi possível encontrar nesse Espaço Virtual perfis em que os alunos se autodeclararam negros. Assim, esse é um local que eles se identificam como surdos somente. Cabe salientar, que praticamente todos iniciam suas apresentações identificando-se como surdos, sem mencionar a questão da negritude.

**Palavras-chave:** Representação, Surdos Negros, Cultura, Diferença, Narrativas.

### **Introdução**

Vivemos em uma sociedade onde é recorrente o discurso do normal, ou seja, daquilo que está dentro da norma considerada ideal, adequada. Nesta perspectiva, os sujeitos que não se enquadram nessa norma, são marginalizados, passando a fazer parte dos grupos denominados minoritários. Nestes grupos estão inseridos os negros, os deficientes físicos, os cegos, os obesos, os homossexuais, os índios, os surdos e todos aqueles que possuem algo que os caracterize como diferentes. No que tange ao termo minorias, Skliar (2001) explica que esse termo não se refere a uma medida numérica de um grupo. Muitas vezes, alguns grupos representam quantitativamente uma maioria numa população determinada, como é o caso dos negros na África do Sul. Assim, não é o quantitativo que demarca o território do minoritário e

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Educação Especial, Pedagoga com Habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais (Ulbra). Professora e Coordenadora Pedagógica da Rede Pública Estadual do RS, desde 1997.

majoritário, mas um tipo de mecanismo de poder que outorga tal condição. Concordo com o autor quando explica que provavelmente não exista nenhum grupo que seja minoritário, mas, que existe sim um processo de alterização, de “minorização”. Esse processo é a prática de fazer com que o outro seja pensado, produzido e inventado como minoritário. Assim, podemos compreender que os grupos minoritários são produzidos nas relações de poder e que quando grupos são nomeados como minoritários, estão automaticamente sendo concebidos como os “outros”, os atores coadjuvantes da história.

A coleta de dados da pesquisa se constituiu em diferentes momentos, que são: a análise dos perfis dos alunos do Curso de Letras-Libras, bem como a realização de entrevistas realizadas em diferentes formas: (a) entrevistas presenciais; (b) entrevistas à distância, feitas através da internet, por meio de emails enviados pela pesquisadora aos entrevistados e (c) entrevistas obtidas a partir da postagem de um vídeo na rede social Facebook, divulgando a pesquisa e convidando os surdos negros para participarem da mesma.

Ao todo foram realizadas 10 (dez) entrevistas e a forma como ocorreram as mesmas está descrita no tópico onde analiso os dados empíricos. No que se refere às entrevistas, Silveira (2007) explica que, quando pensamos em entrevista, logo imaginamos: de um lado, o entrevistador, que é o sujeito que pergunta, que questiona, a fim de obter respostas; de outro, o entrevistado. A autora enfatiza que o segundo, muitas vezes, lança mão de diversas estratégias de fuga, substituição e subversão dos tópicos propostos, principalmente quando o assunto proposto faz com que ele se sinta inseguro, ou que o desestabilize por alguma razão. Acrescenta que a entrevista pode ser definida como

um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a “quer saber algo” propondo ao/a entrevistado uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas. Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não como personagem sem autor, e sim personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessam e ressoam em suas vozes. Para completar essa “arena de significados”, ainda se abre espaço para mais um personagem: o pesquisador, o analista, que – fazendo falar de novo tais discursos – os relerá e os reconstruirá, a eles trazendo novos sentidos. (SILVEIRA, 2007, p. 137).

Para o autor, outro aspecto significativo é que a entrevista se caracteriza pela ambiguidade de uma situação que é semelhante a uma conversa casual. Devido a relevância

dos dados obtidos durante uma entrevista existe uma preocupação com o registro dos mesmos, que pode ser feito através de gravações, filmagens e pela transcrição das entrevistas.

É interessante destacar que o registro das entrevistas realizadas nesta pesquisa foi feito por meio de filmagens. Ao término das entrevistas, as filmagens foram traduzidas para a Língua Portuguesa por um intérprete de língua de sinais (ILS), que fazia a tradução das mesmas e legendava os vídeos para que posteriormente fossem analisados pela pesquisadora.

### **1 - A “dupla diferença”<sup>2</sup> nas Narrativas de Surdos Negros.**

A partir das narrativas dos surdos negros analisadas neste texto, não é possível formular uma única resposta, engessada, “verdadeira” e imutável sobre a “dupla diferença” e, conseqüentemente sobre o “duplo preconceito.” Além disso, por ser esta pesquisa realizada sob a égide dos Estudos Culturais, não há a preocupação em apresentar “verdades absolutas”.

No que se refere ao ato de narrar-se, cabe destacar que o narrador pode escolher acontecimentos de sua vida que deseja compartilhar com o outro. Quando um sujeito se narra, ele o faz da maneira que quer ser visto e escutado. Compreendo que narrar-se significa despir-se diante do outro, compartilhando vivências que até então eram só suas. O ato de narrar-se está diretamente relacionado às emoções, pois em vários momentos, durante a realização das entrevistas, os surdos negros expressaram sentimentos de tristeza, indignação ou alegria (variando de acordo com o que estivesse sendo narrado), enquanto contavam suas histórias de vida.

A experiência de si é constituída em grande parte pelo narrar-se. O que somos e o sentido de quem somos depende das histórias que contamos aos outros e daquelas que contamos a nós mesmos, nas quais somos ao mesmo tempo narrador e personagem principal. O que contamos é, porém construído a partir de histórias que escutamos que lemos e que de alguma maneira nos dizem respeito, e estamos compelidos a produzir nossas histórias em relação a elas. (Larrosa 1994)

Quando nos narramos, contando nossas histórias, estamos também relatando para o outro e para nós mesmos nossas vivências e, nesse momento, estamos também nos constituindo enquanto sujeitos. Cabe ressaltar que nossas narrativas são formadas também

---

<sup>2</sup> As aspas representam a compreensão de que os sujeitos não são constituídos somente por dois traços identitários. No entanto, esta pesquisa teve os surdos negros como foco de análise.

daquilo que ouvimos, que lemos, que assistimos e, a partir disso produzimos nossas próprias histórias.

Sobre as diferenças, Skliar (1997, p.12) diz que: “*O Homem seria Homem se não fosse surdo, se não fosse cego, se não fosse retardado mental, se não fosse negro, se não fosse homossexual, se não fosse fanático religioso, se não fosse indígena, etc*”. Estas considerações trazidas pelo autor demonstram de forma clara, o caráter de incompletude relacionado às diferenças, como se nos sujeitos diferentes houvesse a falta de algo, ou seja, da normalidade. Segundo Silva (2002), a diferença não pede tolerância, respeito ou boa vontade. *A diferença respeitosamente, simplesmente difere*. Ele afirma que a diferença não é uma relação entre *o um e o outro, ela é simplesmente um devir-outro*, ou seja, ela produz o outro.

Silva (1999) adverte que é relevante discutirmos, sobre a relação existente entre os termos diferença e identidade. A diferença tal como a identidade, não é um fato, nem uma coisa. Mas, diferença e identidade são um processo relacional. Ou seja, uma depende da outra. Assim, diferença e identidade só existem numa relação de mútua dependência. Nessa perspectiva, uma nomeia a outra, pois o que é (a identidade) depende do que não é (a diferença) e vice-versa.

E o que dizer sobre os sujeitos que possuem mais de uma diferença? Como os surdos negros narram a “dupla diferença”? Os sujeitos “duplamente diferentes”? Que ao invés de uma diferença significativa possuem duas, como os surdos negros. Ser “duplamente diferente” é sinônimo de ser “duplamente discriminado”? De que forma os surdos negros estão vivendo na sociedade? Que lugar(s) estão ocupando?

A fim de investigar estas questões busquei conhecer através da realização de entrevistas algumas narrativas de surdos negros sobre a questão da “dupla diferença”. Para isso realizei questionamentos no sentido de saber se enfrentaram mais discriminações e preconceitos durante sua vida por serem surdos negros, possuindo assim, duas “diferenças significativas”.

Ao analisar os materiais empíricos coletados durante a pesquisa, é possível observar, que a maioria dos entrevistados não concebe o fato de ser surdo negro como uma “dupla diferença” e afirmam que nunca vivenciaram situações em que “duplo preconceito” foi explícito. Sobre o preconceito<sup>3</sup> relatam ainda que ele ocorre de maneira dissociada, ou seja, em alguns momentos são discriminados por serem surdos e em outros, por serem negros. Os

---

<sup>3</sup> O termo preconceito é utilizado nesse texto a fim de explicitar atitudes baseadas em julgamentos e concepções em relação às pessoas que possuem diferenças.

surdos negros entrevistados afirmam que o preconceito relacionado à surdez é mais frequente. Destacam ainda que o mesmo varia de acordo com o grupo onde estão inseridos e afirmam que, entre os ouvintes são discriminados porque são surdos; já entre os surdos, porque são negros.

Apesar da maioria dos surdos negros entrevistados durante essa pesquisa afirmar não ter passado por situações em que o preconceito por serem surdos negros seja “escancarado”, há aqueles que relatam que sim, que já foram discriminados por serem “duplamente diferentes” como é possível observar no excerto a seguir:

*Eu acredito na existência do “duplo preconceito”, pois, já vi críticas sociais porque eu sou surdo e também negro, duas diferenças. Mas eu acredito que isso tem dois significados diferentes, uma parte em relação à surdez e outra em relação à negritude que tem significados diferentes. Meu objetivo, minha preocupação e foco são os surdos negros, porque começando a fazer pesquisa, comparando essas duas diferenças, porque negro ouvinte tem um problema, surdo negro têm dois, ser surdo e ser negro. Por exemplo, tenho duas opiniões, duas escolhas, mas eu não posso escolher, pois as duas são minhas. Elas estão lá, não posso cancelar uma delas. (Entrevista 2)*

Ao ser questionado sobre os “significados diferentes” este entrevistado relata que o “duplo preconceito” em relação aos surdos negros ocorre pelo fato de que, de um lado, está a surdez, que muitas vezes é concebida como deficiência; de outro lado está a negritude com as representações e estereótipos atribuídos a esse grupo étnico. Ele comenta que quando caminha pelas ruas sem utilizar a Libras, fato que pode identificá-lo como surdo (embora não sejam apenas os surdos que utilizam a Libras) ele é identificado somente como negro e vivencia um tipo de preconceito. Mas a partir do momento que é identificado como surdo, o preconceito aumenta.

Quero chamar atenção para o comentário feito por esse entrevistado quando afirma que o “*negro ouvinte tem um problema e o surdo negro tem dois.*” Por conhecer o referido entrevistado e saber de seu envolvimento no Movimento Negro e na Comunidade Surda, além dos relatos feitos por ele durante a entrevista, observo que essa afirmação refere-se às dificuldades enfrentadas por esses sujeitos na sociedade, em função de sua “dupla diferença”.

Ou dito de outra forma, o “problema” não é ser surdo negro, mas é enfrentar os preconceitos e discriminações<sup>4</sup> decorrentes dessa condição.

No que a negritude, cabe destacar que o contexto sócio-histórico de produção, circulação e consumo de discursos raciais no Brasil contemporâneo apresenta vários componentes que devem ser destacados: fomos o país que mais importou escravos africanos durante o regime escravista, fomos o último país a abolir a escravidão negra (em 1888), somos a segunda maior população negra mundial, perdendo apenas para a Nigéria, sendo aproximadamente oitenta milhões de brasileiros. Este número corresponde a 46% dos que se declaram negros (pretos ou pardos). Acalentamos o mito ou a ideologia de que as relações raciais no país são cordiais ou democráticas ao mesmo tempo em que convivemos com intensa dominação branca sobre outros segmentos étnico raciais no acesso a bens materiais e simbólicos. (SILVA & ROSEMBERG, 2008) Estes aspectos nos ajudam a compreender o “problema” mencionado pelo entrevistado pelo fato de ser negro.

Ao analisar o excerto anterior é possível constatar que o referido surdo negro destaca que sua “dupla diferença” é algo que está posto, pois segundo ele, não há a possibilidade de optar por uma delas, deixando de ser surdo ou de ser negro. Isso significa que as diferenças não são portadas por nós como algo que carregamos como quem carrega uma mala ou uma mochila por um tempo, e quando se sente cansado, pode livrar-se dela deixando-a em algum lugar ou pedindo que outra pessoa carregue

No que se refere aos surdos negros, Hairston & Smith (1983), explicam que o termo surdo negro agrupa um coletivo de sujeitos que compartilham semelhanças básicas de *ser surdo* e *ser negro*. No entanto, não significa que os surdos negros sejam um subgrupo ou um grupo segregado dos outros surdos. Significa, sim, que eles constituem um grupo com características étnicas e culturais distintas dos outros grupos de surdos. Porém eles advertem que apesar de existirem estas semelhanças, este não é um grupo homogêneo, pois as diferenças individuais existem como em qualquer outro grupo.

Outro aspecto observado durante a realização das entrevistas é que há surdos que reconhecem a “dupla diferença”; mas afirmam que as duas não formam um todo e não constituem uma unidade. Explicam que a dupla diferença é marcada, que o preconceito ocorre sim, mas é algo que não é explícito e não aparece em um único bloco, por serem surdos negros. Mas em alguns momentos e com algumas pessoas o preconceito ocorre porque

---

<sup>4</sup> Discriminar consiste em separar, segregar e tratar de maneira diferente as pessoas em função de sua etnia, religião, condição física, intelectual, social, etc.

são surdos; em outros, porque são negros. Sobre o preconceito em relação a negritude, um dos entrevistados comentou o seguinte:

*E ai com o tempo quando eu me mudei aqui para Porto Alegre, que eu estudei no Concórdia uma escola de surdos, teve um aluno que disse: Ah, tu combina seria legal se tu namorasse com um surdo negro. Eu disse: Não, eu não quero namorar não tem nada a ver eu escolher a cor. O importante é a relação se a gente se gosta. Então ele ficava dizendo: Não, não você tem que ser com pessoa negra porque tua cor é assim. Então tu combina mais com negro. Eu me lembro que aconteceu uma só vez, mas só isso, eu nunca me sentia angustiada por ser negra, só por ser surda. Mas, hoje eu me sinto muito feliz, por ser surda e negra, me sinto bem, tranqüila.*

Com relação a este excerto, cabe ressaltar o comentário feito pelo colega de escola da entrevistada, que argumenta que por ela ser negra deveria namorar com um negro. Este argumento pode ser proveniente da ideia de que a mistura entre as raças não deveria ocorrer.

Silva (2009), a partir de Agassiz (1883, 1885, 2004), afirma que a mistura de raças era considerada perigosa porque a população proveniente dela era sempre degenerada e traziam consigo os vícios e defeitos de ambas as raças, nunca aproveitando o vigor físico delas. Dito de outra forma entendia-se que a mistura de “raças” gerava sujeitos constituídos pelas características negativas de cada uma das “raças”. Os mestiços eram concebidos como sujeitos cuja principal característica era a esterilidade. E a prática de miscigenação representava esquemas doentios, capazes de produzir uma sociedade irregular e instável. Cabe enfatizar, o quanto era recorrente o ideal da “raça pura”.

De acordo com Silva (2007), a miscigenação era considerada um dos fatores mais degenerativos do povo brasileiro. A população mestiça brasileira era apresentada como degenerada física e moralmente. Acreditava-se que a nação constituída pela fusão de sangue produziria o predomínio dos “inferiores sobre os superiores”. O negro na escala hierárquica era considerado inferior ao índio e este, inferior ao branco. Tal produção do negro como sujeito inferior no século XIX e na primeira década do século XX originou um movimento composto por diferentes áreas do conhecimento, cujo objetivo era propor uma nova política de intervenção. Tal política estava baseada na eugenia sendo dada uma grande ênfase ao higienismo.

Sobre o termo eugenia, o autor explica que Francis Galton elaborou baseado em Darwin, uma teoria que denominou *Eugenia*, que consistia no pressuposto de que a “raça” humana que está em constante evolução biológica deveria ser auxiliada no sentido de acelerar e aperfeiçoar esse processo. O autor afirma que a ideia eugênica surgiu pela primeira vez em

1869, na obra *Hereditary Genius*. O discurso cientificista do século XIX proclamava a esterilidade entre os relacionamentos interétnicos, alertando ainda para os “frutos malsãos” das uniões entre brancos e negros.

Essa concepção chega à literatura e ao discurso crítico de Silvio Romero que proclama que “*as raças demasiadas distanciadas, pouco coabitam e, quando o fazem, ou não reproduzem, ou se reproduzem são bastardos infecundos, depois da segunda ou terceira geração*”. No Brasil, Gobineau exerceu grande influência, principalmente porque condenava a miscigenação que, segundo ele, era a causa da degeneração do povo brasileiro. (DUARTE, 2010; ROMERO apud CORRÊA, 1996, p. 44; SILVA, 2007).

Segundo Silva (2007), no Brasil não foram estabelecidas políticas eugênicas de forma homogênea, o que existiu foi um significativo movimento intelectual fundamentado na Eugenia. Nas décadas de 1910 a 1930 o objetivo era promover a redefinição da nacionalidade com base no discurso eugênico. O movimento eugênico teve como aliado o movimento denominado políticas de branqueamento.

A partir de abordagens que evidenciam a rejeição da ideia de misturas de raças pela ciência, e a preocupação da sociedade com a existência de uma “raça pura”, podemos constatar que o discurso eugênico circulou amplamente aliando, ciência, medicina, literatura, mídia e demais artefatos culturais. A partir do século XIX, o Brasil passou a ser redescoberto, porém os resultados das descobertas não eram satisfatórios.

A publicação da obra de Elclides da Cunha *Os Sertões* (1902) chamava atenção para a decrepitude das condições de salubridade da população do Sertão. As missões científicas realizadas no Brasil a partir de então, como as de Artur Neiva e Belizário Pena (1999) mostraram um cotidiano permeado por endemias, verminoses, e todos os tipos de doença que flagelavam o homem brasileiro. A cartografia das mazelas do país permitia vislumbrar as causas da inferioridade do brasileiro, que passaram a ser apontadas para o abandono e precarização da saúde pública. O homem brasileiro era um doente. (SILVA, 2007, p.46)

A obra citada pelo autor representa a situação do Brasil naquele momento. Além disso, ela perpassa as questões de “raça” e agrega aspectos relacionados à educação, saúde pública, ciência e moralidade. Os intelectuais da época acreditavam que o povo brasileiro poderia ser salvo através do branqueamento do país, pela salubridade e controle médico. Vale destacar que, apesar de todas estas discussões, a eugenia não era considerada uma prioridade nacional.



Considero que as “soluções” apresentadas pelos cientistas e intelectuais da época representam o ideal da construção de um país “branco e sadio” o que de acordo com este ideal, significa um país próspero e civilizado. Cabe destacar que embora estas concepções não circulem em nossa sociedade expressas dessa forma, ficaram “seqüelas” dela, no discurso que diz que: ”branco combina com branco e negro combina com negro”.

Sendo assim, como descrever a “dupla diferença”? De acordo com as narrativas de surdos negros aqui analisadas é possível constatar diferentes posicionamentos. A maioria acredita que ser surdo negro não se constitui em “dupla diferença” e essa condição não significa experienciar o preconceito de forma mais intensa (ou duplamente). Destacam ainda que o preconceito ocorre ora por serem surdos e ora por serem negros.

*... Então eu percebo que é assim, os surdos têm preconceito em relação à cor, e os ouvintes em relação à surdez. (Entrevista 4)*

Há, no entanto, alguns que acreditam que ser surdo negro se constitui uma “dupla diferença”; no entanto, isso não significa que o preconceito seja em dobro, ou duplamente evidenciado. Já um terceiro grupo de surdos negros se posiciona afirmando que sua “dupla diferença” faz com o preconceito em relação a eles seja maior e deixam esse fato explícito através de suas narrativas.

## **2- A questão identitária: Negro Surdo ou Surdo Negro?**

No que tange a questão identitária, Silva (2002), explica que a identidade é simplesmente aquilo que se é: “*sou brasileiro*”, “*sou negro*”, “*sou heterossexual*”, “*sou homem*”. Ele explica que a identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”) uma característica independente, um “fato” autônomo. A partir dessa perspectiva, a identidade só tem a si própria como referência, ela é: *autocontida e auto-suficiente*. O autor destaca ainda que quando afirmamos o que somos, estamos utilizando uma forma abreviada de relatar aquilo que não somos.

O primeiro *locus* de busca de material empírico nessa pesquisa foi o Ambiente Virtual de Aprendizagem do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, turma 2008, onde foi possível chegar a alguns resultados. A coleta de dados foi realizada nesse Espaço Virtual, a partir da análise dos perfis dos alunos do curso. O perfil é um local existente no Ambiente Virtual de Aprendizagem do referido Curso, onde os alunos se identificam e postam aquilo que

consideram relevante sobre si. É recorrente encontrar narrativas relacionadas à formação acadêmica, atuação profissional, etc, conforme é possível observar no excerto a seguir:

*Sou surda, pedagoga, especialista em Desenvolvimento Psicológico. Mestranda de Linguística na UNB, onde trabalho como professora de Libras. (SURDO B)<sup>5</sup>*

Porém, é significativo destacar que nas 10 (dez) entrevistas com surdos negros realizadas durante esta pesquisa, pude constatar novamente a questão identitária, evidenciando o sentimento de pertencer à comunidade surda, compartilhando a língua, costumes e vivências, o que não foi evidenciado em relação à comunidade negra. Dos surdos negros entrevistados apenas um participa ativamente do Movimento Negro integrando as discussões, passeatas e discutindo as demandas do referido movimento em todo o Brasil. O referido entrevistado afirma que:

*Participo do Movimento Negro e também do Movimento Surdo Negro de São Paulo. Também participo da organização do projeto do Paulo Paim, cujo tema é o preconceito racial. (Entrevista 2)*

No entanto, o declarar-se e narrar-se negro não se restringe apenas a participação, ou não, no Movimento Negro; é algo mais amplo, mais complexo, referindo-se ao “sentimento de pertença”, ou seja, de sentir-se parte de um determinado grupo. Com relação a esse aspecto, Rocha (2009) diz que o negro brasileiro encontra dificuldade na formação de sua identidade, devido à marginalização, ao preconceito e às discriminações enfrentadas historicamente. Esta discriminação histórica dos negros durante um determinado tempo foi respaldada pela ciência.

Silva (2007) explica a partir de Munanga (2003), que foi estabelecida uma relação intrínseca entre o aspecto biológico e as qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais. Dessa forma, todos os indivíduos da “raça” branca passaram a ser considerados superiores aos da “raça” negra e amarela. Tal concepção era baseada nas características físicas e hereditárias, como a cor clara da pele, o formato do nariz, do crânio, do queixo, aspectos que de acordo com o pensamento da época, deixava os sujeitos mais bonitos, inteligentes, honestos e criativos.

---

<sup>5</sup> Utilizo a letra B porque esse foi o segundo perfil analisado e também para diferenciar das entrevistas.

Por outro lado, a “raça” negra, a mais escura de todas, era concebida como: menos inteligente menos honesta e, em consequência disso, sujeita à escravidão. Considerações como estas, que demonstram a forma como a “raça” negra e conseqüentemente, os sujeitos negros têm sido concebidos em diferentes épocas podem representar um dos motivos pelos quais as identidades negras são minimizadas, mesmo que inconscientemente.

Rocha (2009) enfatiza que algumas conseqüências podem ser elencadas em função da situação vivida pelos negros, entre elas a autoestima fragmentada, a negação de seu pertencimento étnico-racial, bem como, a apatia e a desesperança assumida por alguns. No que tange aos surdos negros entrevistados durante esta pesquisa, de modo geral, constatei uma espécie de minimização da identidade negra, em detrimento da identidade surda. Ou dito com outras palavras, entre as duas identidades, a que predomina é a identidade surda. E as abordagens feitas anteriormente podem ser um dos fatores que contribuem para esta minimização.

Cabe enfatizar que, é possível constatar que mesmo aqueles surdos negros, que reconhecem a existência de uma “dupla diferença”, não salientam a questão étnica, ou seja, a identidade negra. Sendo assim, concordo com Szwako (2006) que ao citar Bauman afirma que as noções de pertencimento e identidade não são definitivas nem sólidas, mas revogáveis e negociáveis, dependendo das decisões que os indivíduos tomam, dos caminhos que percorrem e da maneira como agem.

Nas modernas reflexões sobre as ciências sociais, as identidades étnicas e raciais são concebidas como derivadas de contextos situacionais, os quais estão em constante fluxo. Já Larrosa (1994) explica que a identidade é definida e elaborada pelos sujeitos em um jogo social complexo e submetido a formas estritas de regulação, na qual a pessoa se descreve a si mesma em contraste com as demais. Dessa forma, podemos compreender que o processo de constituição da identidade ocorre na interação do sujeito com o outro, estando ligada também ao ato de narrar-se

Mas, e quanto ao questionamento: negro surdo ou surdo negro, o que dizer? Com base nos perfis dos surdos negros alunos do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, turma 2008, e nas 10 (dez) entrevistas realizadas durante a pesquisa, é possível constatar que eles se descrevem como surdos negros, isto é, primeiramente são surdos, essa é a “sua marca,” a sua principal identidade, que fazem questão de apresentar. Isso pode ser evidenciado ao analisarmos suas narrativas que expressam o pertencimento à cultura surda, bem como o orgulho de compartilhar não só uma língua, mas uma história de lutas e de conquistas.

## Considerações Finais

Os surdos negros entrevistados durante essa pesquisa possuem trajetórias de vida distintas, pois alguns sempre estudaram em escola de surdos, outros estudaram muito tempo em escola comum e depois foram para a escola de surdos, possuem diferentes situações socioeconômicas e cresceram em diferentes contextos familiares. Compreendo que esses sujeitos são subjetivados a partir dessas questões e que elas relacionam-se diretamente com suas experiências vividas e narradas.

Não tenho a pretensão de estabelecer verdades a partir das discussões e análises trazidas aqui, compreendo que é impossível colocar um ponto final nas discussões referentes à diferença e a “dupla diferença”. São questões que estão abertas e que emergem no cotidiano da sociedade, necessitando em função disso, ser constantemente discutidas e problematizadas. Este foi o caminho trilhado durante a pesquisa, a partir da concepção de que a diferença produz estranhamentos, busquei conhecer e entender as narrativas dos surdos negros, entendidos aqui como sujeitos “duplamente diferentes”. Assim, durante esta pesquisa “ouvi” as narrativas de alguns destes sujeitos, a fim de conhecer suas vivências. Saliento, no entanto, que não pretendo estabelecer essencialismos, a partir dos dados analisados aqui, mas chamar atenção para a questão da “dupla diferença” e para a necessidade da realização de mais pesquisas sobre esta temática.

Com relação aos resultados da pesquisa foi possível evidenciar que a maioria dos surdos negros entrevistados afirma não ter passado por situações em que o preconceito por serem surdos negros foi evidente, no entanto há aqueles que relatam que sim, que já foram discriminados em função de sua “dupla diferença”. Há ainda surdos negros que reconhecem a “dupla diferença”; mas, afirmam que as duas não formam um todo e não constituem um todo. Relatam que a “dupla diferença” é marcada, que o preconceito ocorre sim, mas é algo que não é explícito e não aparece no mesmo episódio, por serem surdos negros. Mas em alguns episódios o preconceito ocorre porque são surdos; em outros, porque são negros

A partir das narrativas de surdos negros, analisadas durante esta pesquisa, foi possível evidenciar que a experiência de ser duplamente diferente é distinta para cada um dos sujeitos. Uns a consideram um problema em função dos preconceitos existentes na sociedade. Outros a concebem como algo “leve”. Para outros, o que “pesa” é o *ser surdo* e já para outros é, o *ser negro*. Sendo assim é, possível constatar que existem diferentes maneiras de ser surdo negro.

Seria muito bom se um dia as pessoas diferentes, seja por questões étnicas, físicas, sensoriais, intelectuais, etc, fossem concebidas como “normais”. Ou seja, que não existissem

em relação a elas preconceitos, discriminações, atitudes de medo, piedade, superproteção, desprezo e indiferença. Onde as diferenças não fossem entendidas como defeitos ou como marcas que desqualificam os sujeitos. Sei que considerações como estas são utópicas e que provavelmente isso nunca ocorra, mas penso que pesquisas como esta realizada na perspectiva dos Estudos Culturais podem contribuir, para o começo de uma nova trajetória, onde os sujeitos diferentes sejam vistos “com outros olhos”.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção do. **Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre Crocodilos e Avestruzes: falando das diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Júlio (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998. p. 11-30.

FRY, Peter Henry. Ossos do Ofício. In: STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Cotas raciais na Universidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

HAIRSTON, Ernest; SMITH, Linwood. **Black and deaf in America: are that different**. TJ Publishers, Inc., 1983.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomáz Tadeu (Org.). **O Sujeito da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. Política de cotas raciais: “os olhos da sociedade” e os usos da antropologia - o caso do vestibular da UNB. In: STEIL, Carlos Alberto. (Org.) **Cotas Raciais na Universidade: um debate**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006

ROCHA, Rosa Maria de. **Pedagogia da Diferença: A Tradição Oral Africana para a Prática Pedagógica Brasileira**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008.

SILVA, Mozart Linhares da. A invenção da raça. In: SILVA, Mozart Linhares da. (Org.). **Ciência, Raça e Racismo na Modernidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. \_\_\_\_\_. **Educação, Etnicidade e Preconceito no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista; ROSEMBERG, Fúlvia Brasil: lugares de negros e brancos na mídia In: DIJK, Teun A. Van (Org.). **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 73-118.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Identidade e diferença: impertinências. **Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 79, p. 65-66, 2002.

SKLIAR, Carlos Bernardo. Prefácio. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). **A Invenção da Surdez**: cultura, alteridade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SOUZA, Jessé. (Org.). **Multiculturalismo e Racismo**: uma comparação Brasil- Estados Unidos. Brasília: Paralelo 15, 1997.

SZWAKO, José. Identidades liquidadas. **Revista de Sociologia e Política**. n. 27. Curitiba. Nov. 2006. Disponível em  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010444782006000200017&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010444782006000200017&script=sci_arttext)>.  
Acesso em 8 nov. 2011.